

PAULO FREIRE E A PRESENÇA DOS CAMPONESES E CAMPONESAS EM SUAS OBRAS: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Isaura Isabel Conte¹

Fernanda dos Santos Paulo²

RESUMO: Este artigo objetiva analisar a presença dos camponeses e das camponesas nas obras de Paulo Freire ao longo de sua trajetória. Interessa-nos evidenciar se há essa presença e, ao contexto ao qual Freire se refere ao tratar ou mencionar esses sujeitos. A metodologia adotada é revisão de literatura em livros de Paulo Freire, escrito individualmente, e, assim foram selecionadas dezesseis obras, lidas na íntegra. A escrita se justifica no fato de não haver, disponível, estudo bibliográfico com essa temática. Destacamos como pontos relevantes da pesquisa: Paulo Freire se refere aos camponeses em praticamente todas as suas obras, com destaque ao processo de alfabetização dos camponeses chilenos, a quem mencionou várias vezes, em várias obras; a relação do lugar/classe social/trabalho é central no processo de alfabetização e leitura de mundo; e, a superação da desesperança em substituição à luta que transforma a realidade opressora e antidemocrática.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Freire. Camponeses. Análise bibliográfica.

1 Docente na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), campus de Ji-Paraná. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: isaura.conte@unir.br.

2 Docente na Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), com atuação no PPGEd, Aeppa, Fajars e Mep. Educadora popular com doutorado em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinus). E-mail: fernandaeja@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Paulo Freire tem sido há décadas um dos autores mais lidos e conhecidos mundialmente, cujas obras foram traduzidas para mais de vinte idiomas ao redor do mundo. Freire é utilizado como grande referência na Educação, suas obras cruzam as fronteiras da disciplinarização pelo fato de extrapolar o contexto escolar e o processo de alfabetização. Nesse aspecto, podemos afirmar que, como Freire parte da *palavramundo* e das palavras grávidas de mundo (FREIRE, 1989), no ensino da palavra, primeiramente dita e depois escrita, as palavras não poderiam ser encarceradas numa sala de aula, tampouco em um ambiente considerado pedagógico/escolar, até porque, em grande medida, os sujeitos a quem ele defendia o direito à educação (formal/escolar) eram aqueles e aquelas que estavam longe de contextos escolares: eram os esfarrapados do mundo, oprimidos e oprimidas (FREIRE, 1987).

Paulo Freire, devido às suas andarilhagens, recebeu vários títulos carinhosos, sendo um deles, o educador da esperança ou semeador da esperança porque provocava, desde sempre, que as pessoas se dessem conta de sua situação e, no passo seguinte, do porquê de tal situação, em um processo nem sempre pouco doloroso, de desmitificação/culpabilização de Deus. Por outro lado, dado a esse processo de consciência crítica que ele provocava por onde passava, foi considerado perigoso e subversivo pelo regime ditatorial no Brasil (1964-1985), que o obrigou a se exilar e a sofrer a amargura de viver distante de sua Pátria e de suas gentes.

Neste ano, de 2021, Freire está recebendo as mais diversas formas de homenagens em muitos países do mundo e, também aqui no Brasil, devido ao centenário de seu nascimento. Nesse contexto não podemos olvidar que desde o golpe civil brasileiro, ocorrido no ano de 2016, acarretando a deposição da então presidenta Dilma Rousseff, e em especial com o atual governo do presidente Jair Bolsonaro, nitidamente antidemocrático, fascista e negligenciador da vida humana, Freire e suas obras têm recebido insultos, ataques, e lugar nos protestos de grupos da ultradireita conservadora defensora da volta da ditadura com Jair Bolsonaro. Um dos maiores insultos foi a tentativa de retirada do nome de Freire o título de patrono da educação brasileira.

Diante desse momento um tanto desolador no Brasil, em que é preciso que nos apeguemos a fios de esperança, lembrando Freire, patrono da educação e nosso grande educador, para dizer, o maior de todos os tempos, reconhecidamente até o momento atual, nos propomos à escrita deste texto. Além de colocarmos mais água no moinho que gira à esquerda/causas e lutas dos oprimidos e das oprimidas, nosso intuito é apresentar os encontros de Freire com os camponeses e as camponesas, segundo suas obras. Conforme verificamos, Freire é bastante citado em estudos sobre Educação do Campo, pelo fato dela tratar de contextos que também extrapolam a escola (ARROYO, CALDART e MOLINA, 2004),

mas, não há obras específicas que refletem sobre Paulo Freire e os camponeses/as, considerando a inserção de Freire com esses sujeitos em sua trajetória.

Assim, a metodologia que utilizamos para dar conta de tal intuito, foi a revisão de literatura, realizada em dezesseis livros de Paulo Freire³. Para a pesquisa criamos critérios de inclusão e exclusão dos livros analisados. Trabalhamos com obras escritas apenas por Paulo Freire até 1997, não incluindo publicações póstumas, tampouco, publicações coletivas, sendo o estudo realizado no mês de março de 2021. As obras analisadas foram: 1) Educação e atualidade brasileira; 2) Educação como prática da liberdade; 3) Ação cultural para a liberdade; 4) Pedagogia do oprimido; 5) Extensão ou comunicação?; 6) Educação e mudança; 7) Cartas a Guiné Bissau; 8) A importância do ato de ler: em três artigos que se completam; 9) A educação na cidade; 10) Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido; 11) Política e educação; 12) Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar; 13) Cartas a Cristina; 14) À sombra desta mangueira; 15) Pedagogia da autonomia e 16) Conscientização: teoria e prática da libertação.

Partimos da pergunta central: Como e, em qual contexto os camponeses/as são mencionados nas obras de Freire? Desde essa inquietação, organizamos os dados identificados na revisão da literatura em dois blocos, a saber: o Bloco A – apresentará o quadro que expõe a presença dos descritores selecionados nos livros de Paulo Freire; e o Bloco B – apresentamos a análise do tipo de presença dos descritores nas obras do autor. A revisão da literatura foi efetuada em três etapas: 1) Busca por descritores simples, por meio do uso dos seguintes termos: Campon(ês/sa) e Agricultores; também fizemos uso das seguintes combinações: educação no campo⁴ e Educação Rural. 2) Organização dos dados em um quadro, contendo as obras de Freire e as respectivas siglas, as quais são utilizadas no decorrer do texto; juntamente, uma amostragem da presença dos descritores nesses livros. 3) Posteriormente, na terceira etapa, analisaremos o tipo de presença nestas obras e/ou ao contexto em que os camponeses e as camponesas eram mencionados.

Na segunda etapa, caso existam expressões com sentido aproximado aos descritores selecionados, os identificaremos como Descritor Presente Aproximado (DPA). Quando as palavras-chave estiverem tal como identificamos, assinalaremos como Descritor Presente (DP).

3 Ressaltamos que a partir do nosso recorte temporal (1959 a 1997), excluímos livros pouco conhecidos de Freire, tais como: “Multinacionais e trabalhadores no Brasil” (1979), “Educadores de Rua – Uma abordagem crítica” (1989) e “Conversando com educadores” (MONTEVIDEO, 1990). Esses, escritos somente por Freire.

4 Consideramos que até a morte de Freire, ainda não existia de forma publicizada, a expressão Educação do Campo, cujo marco se dá em 1998, com a realização da I Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo (ARROYO, CALDART e MOLINA, 2004).

2. ACHADOS DA PESQUISA A PARTIR DA REVISÃO DE LITERATURA EM LIVROS DE PAULO FREIRE

Neste item, identificado como Bloco A, apresentamos os resultados da pesquisa com as devidas discussões e reflexões.

Quadro1 – Análise dos livros selecionados de Paulo Freire

SIGLA	LIVROS DE PAULO FREIRE	PRESENÇA DOS DESCRITORES
EAB	Educação & atualidade brasileira	DPA
EPL	Educação como prática da liberdade	DP; DPA
ACL	Ação cultural para a liberdade	DPA; DP
PO	Pedagogia do oprimido	DP
CTPL	Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire	DP
EC	Extensão ou comunicação?	DP
EM	Educação e mudança	DP
CGB	Cartas a Guiné Bissau	DP
IAL	A importância do ato de ler: em três artigos que se completam	DP
AEC	A educação na cidade	DP
PERPO	Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido	DP; DPA
PE	Política e educação	DP
PSTN	Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar	DP; DPA
CC	Cartas a Cristina	DP
ASDM	À sombra desta mangueira	DP
PA	Pedagogia da autonomia	DP

Fonte: Dados da Pesquisa.

Educação e atualidade brasileira foi a Tese, defendida por Paulo Freire, para o concurso público realizado na então Universidade de Pernambuco, em 1959. O autor defende uma escola democrática, contextualizada e com uma prática político-pedagógica dialógica. Acentua a importância da superação de uma educação centrada no professor e distante da realidade social. A tese se transformou em livro, a partir do Instituto Paulo Freire, contando com alguns acréscimos, a exemplo de textos de José Eustáquio Romão – quem organizou a

tese para se tornar livro. Além desse, há mais dois, do professor Paulo Rosas e da filha de Freire, Cristina Freire Heiniger. No caso do texto de Paulo Rosas, este trabalhou com Freire no Serviço Social da Indústria, citado nas obras do autor.

Nesse livro não localizamos nenhum dos descritores assinalados, contudo o termo rural (DPA) aparece 9 vezes, tratando da comunidade rural, Serviço Social Rural, homem rural do nordeste, patriarcado rural (4x) e ruralismo no Brasil. Importante ressaltar que o descritor “agricultor” aparece nesse livro, mas como citação direta de outro autor.

Em *Educação como prática da liberdade* (EPL), localizamos Paulo Freire narrando acerca de experiências que foram realizadas no Chile com os camponeses. Assim como na obra EAB, a expressão rural é presente portando-se aos sindicatos rurais e urbanos, massa rural, comunidade rural e patriarcado rural (4x).

Freire se refere a um camponês, líder popular agrário, criador das Ligas Camponesas. Ao citar Francisco Julião, representante do movimento de luta pela reforma agrária no Brasil, expõe a luta contra o latifúndio burguês. Também argumenta sobre a exclusão da população rural ao acesso à educação e da participação na escolha dos governantes. Além do mais, tratou da importância da ampliação dos sindicatos rurais e urbanos, referindo-se aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras. Menciona Gilberto Freyre ao debater as relações entre patriarcado rural e o desenvolvimento das cidades no contexto de “rachadura’ da sociedade brasileira”. (FREIRE, 1967, p.74).

Nos estudos do livro *Ação cultural para a liberdade* (ACL), encontramos camponeses, mais de 70 vezes, mencionando Comunidades camponesas, líderes camponeses, consciência camponesa, massas camponesas, homens e mulheres camponesas, camponeses chilenos e camponeses na relação com urbanos. Além desses, encontramos na classificação DPA: Economia rural. Identificamos na obra o contexto de trabalho dos camponeses e camponesas em situações concretas de opressão; também, a experiência dos camponeses chilenos, que defendiam a reforma agrária e alfabetização conscientizadora.

Igualmente, trata das experiências com camponeses do nordeste no processo de alfabetização. Nesse assunto, Freire reafirma a concepção de educação libertadora como opção política. O mundo do trabalho foi, frequentemente, tratado quando se relaciona aos camponeses, bem como a importância de uma alfabetização de adultos crítica que contribua para transformar a realidade. Semelhantemente, faz menção a diálogos com camponeses sobre o vínculo entre homem-mundo, e do trabalho educativo entre educador-educando. Ademais, Freire (2011), cita atividades interdisciplinares, realizadas em um assentamento, mediante Círculo de Cultura com problematização dos problemas concretos dos educandos.

O autor registra 29 vezes a palavra camponês/camponesa, em *Pedagogia do oprimido* (PO), incluindo notas de rodapés, sendo que há referência a entrevistas que Freire realizou com camponeses e sua relação com a experiência no Chile (1964 a 1969). Importante destacar que foi nesse país que Paulo Freire escreveu o livro em análise (*Pedagogia do Oprimido*). A sua experiência como assessor

do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e do Ministério da Educação do Chile é significativa, e contribui para as análises posteriores. Outro elemento de análise é o trabalho com a educação popular realizado no Chile.

Freire ao tratar da alfabetização com os camponeses, disserta sobre a dificuldade de superar a compreensão de que há uma única concepção de saber, e a necessidade de ultrapassar a leitura do “mundo mágico ou místico em que se encontra, a consciência oprimida”. (FREIRE, 1987, p. 47). Ainda, nos desafia a perceber o caráter de classe na questão relacionada ao trabalho e educação, advertindo que são raros os “camponeses que, ao serem ‘promovidos’ a capatazes, não se tornam mais duros opressores de seus antigos companheiros do que o patrão mesmo.” (FREIRE, 1987, p. 32). Outros temas podem ser verificados no livro, tais como: a) desvalorização do trabalho camponês, os quais são explorados; b) experiência chilena de reforma agrária; c) Entrevista com camponês que diz se sentir “inferior ao patrão porque este lhe parece como o que tem o mérito de saber e de dirigir.” (FREIRE, 1987, p. 56).

Na obra *Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* (CTPL), encontramos o vocábulo camponês/camponesa 15 vezes, versando sobre analfabetismo, conscientização, opressor-oprimido e camponeses da América Latina. Nesse livro identificamos a relação entre o método de alfabetização e os camponeses, principalmente através das experiências iniciada em 1961 e aplicado no Brasil e no Chile. Destacamos a relação com educação de adultos, Educação Popular, Ação cultural para a conscientização e a Revolução cultural. Outros assuntos destacados: a) alfabetização com método pedagógico conscientizador visando a “libertação dos camponeses analfabetos”. (FREIRE, 1979, p. 8); b) referência ao “líder político agrário, tal como Francisco Julião, criador das Ligas Camponesas e que gozava de um prestígio nacional [...]” (FREIRE, 1979, p. 11); c) Sobre uma conversa entre Freire e uma camponesa analfabeta sobre metodologia de alfabetização; d) Círculo de Cultura no trabalho com alfabetização de camponeses.

Camponeses é um termo presente em *A educação na cidade* (AEC), abordando mais uma vez, experiências de alfabetização no Chile. Discorre sobre sua experiência com camponeses durante a infância com camponeses e operários de Recife. Enunciados sobre as turmas de alfabetização, em áreas da reforma agrária no Chile, relacionando trabalho-educação merecem destaques.

Segundo consta na 6ª Carta do livro *Cartas a Cristina* (CC), destinada aos “Meus estudos no Colégio Oswaldo Cruz do Recife. Meus professores e meus amigos mais queridos”, cita a sua convivência com os camponeses, as Ligas Camponesas e a realidade de exploração e a miséria que viviam os camponeses. Em “Minhas experiências no Movimento de Cultura Popular (MCP), no SEC⁵ em Angicos”, na 12ª carta, trata de conversas com um camponês e memórias acerca da “luta democrática, em torno do papel da educação criticizadora.” (FREIRE, 2020, p.199). Também, fala de uma conversa com um “jovem líder camponês

do Sul” e as relações com o Movimento de Cultura Popular. Acerca dessa menção, os assuntos tratados foram: cultura popular, movimentos populares e a luta democrática. Comenta sobre os anseios de “milhões de brasileiros e de brasileiras, provocado pelo cinismo, pela desfaçatez, pela democratização da sem-vergonhice entre nós.” (FREIRE, 2020, p. 200).

Em *À sombra desta mangueira* (ASDM) localizamos mais de 20 vezes a presença da palavra camponês/camponesa para situar as Ligas Camponesas, diálogos com camponeses, lideranças camponesas, reforma agrária e violência contra o trabalhador rural. As notas explicativas de Ana Maria Araújo Freire citam dezenas de vezes o termo camponês/camponesa. Cabe sublinhar a passagem que Freire faz “a compreensão fatalista do camponês” sobre a sua realidade e a realidade do mundo e a necessidade de “seu engajamento numa forma de luta implicaria a superação daquela compreensão e daquele pensar” (FREIRE, 2015, p. 34).

Em *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* (PERPO), o termo camponês/a aparece em torno de 65 vezes, agricultor (1x) e educação rural ou educação no campo, não são mencionados. Nessa obra, Freire menciona que não poderia deixar de demarcar as suas experiências com os camponeses fora do bojo da educação popular. Pontua a sua estada com lideranças de movimentos sociais de Moçambique, El Salvador e, sobretudo, como foi o seu encontro com a alfabetização de adultos no Chile.

Destacamos como importante o fato de Freire discorrer sobre o método que utilizava para ganhar confiança, ao mesmo tempo em que, mostrava que aqueles camponeses, que de diziam nada saber, e, portanto, de início pouco ou nada falavam (porque “sequer sabiam falar”) sabiam e, sabiam muita coisa que Freire, desconhecia. Freire destaca suas viagens a convite de governos e lideranças de Portugal, Jamaica, Grenada; fala do massacre de mais de dois mil camponeses em Pequim, tidos como antirrevolucionários; cita as ligas camponesas no Brasil na década de 1950 como luta contra o latifúndio e para o ser mais; de assassinatos de camponeses e camponeses na luta por terra; descreve os camponeses como ávidos de dizerem as suas palavras (quando descobrem que podem fazê-lo) e que mesmo exaustos depois de extenuante jornada de trabalho, não queriam parar de discutir.

Nos mostra ainda que em certa ocasião, após o trabalho com os camponeses no Chile, o acompanhante e amigo de Freire diz, pelo caminho “estes camponeses sabem mais do que nós”. Outra citação que vale a pena destacar é quando um camponês do grupo diz a Paulo que se ele, como homem de leitura, veio para ensinar coisas para “nós explorados”, não tem precisão (pode ir embora). “Queremos saber se podemos contar com você, na hora do tombo do pau”. Na realidade os camponeses estavam perguntando: És companheiro? Ou não? E, teoria, fala bonita é uma coisa... queremos ver na prática!

Na obra *Educação e mudança* (EM) consta cinco vezes a palavra camponês, nenhuma menção à educação rural e a agricultores. No item que trata do compromisso do profissional (educador) com a sociedade, Freire menciona o

compromisso com a reforma agrária e, aí se refere ao estar sendo do camponês. Outras referências são feitas quando chama a atenção para o saber técnico sobre os camponeses – como aqueles que não sabem. Chama a atenção, tomando como exemplo o fato de se estar com um grupo de camponeses, eles saberem, muito mais do que nós, sobre colheita – item 4, ao tratar de saber-ignorância. No item 5, onde descreve sobre esperança-desesperança é enfático: “Quem não tem esperança na educação dos camponeses, deve procurar trabalho noutro lugar” (p. 15).

Em *Professora sim, tia não!* (PSTN), os termos educação rural e agricultor não são mencionados. O termo camponês é evidenciado duas vezes. Na nona carta, quando trata do contexto teórico e prático, menciona os camponeses em alfabetização (no Chile) que escreviam em troncos de árvores e, os descreve como semeadores de palavras. Na mesma discussão, Freire fala de letramento e afirma que uma comunidade letrada é aquela que começa a fazer novas exigências sociais. Em outro item, os camponeses são mencionados quando Freire dá como exemplo o trabalho de um cineasta, com quem esteve na Tanzânia, que ao fazer filmagens, colocava em contato grupos de camponeses, possibilitando que uns conhecessem as experiências dos outros.

Outra obra de Freire é *Política e educação* (PE). Nesta, o termo agricultor/a ou educação rural não são descritos. O termo camponês aparece sete vezes, e menciona experiências tidas entre lideranças e camponeses no nordeste brasileiro, em específico no Maranhão, mas também, de uma conversa com um amigo mexicano. É descrito que os camponeses querem saber mais, não querem ficar só no sal, querem o tempero (sal, é uma parte do tempero); querem saber se podem contar com o educador, de fato; no terceiro exemplo, menciona que os camponeses sabem fazer uma construção em formato redondo, no entanto não haviam compreendido o conceito de redondeza – e, por esse motivo, não haviam iniciado. Outra menção é à necessidade de interligar os conceitos de sexo, raça, classe, e, exemplifica que uma feminista branca é incoerente ao desconsiderar sua irmã camponesa negra.

Em *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* (IAL) apenas o termo “camponesa” é encontrado e refere-se à comunidade camponesa, quando menciona que grupos populares poderiam ser fontes de pesquisa por parte de bibliotecárias, documentalistas etc., que poderiam escrever a história da área.

Na obra *Cartas à Guiné-Bissau* (CGB) encontra-se sessenta e três vezes o termo camponês/camponesa e não são encontrados educação rural e agricultor. Freire menciona um projeto “Escola ao campo” desenvolvido naquele país para que estudantes e professores de áreas urbanas pudessem conhecer e aprender com os camponeses. Outra discussão envolve os países Guiné, Moçambique e Tanzânia no sentido de exemplificar que com tema Combate ao mosquito, seria possível discutir e aprofundar uma enormidade de temas que afetam esses países.

Nessa mesma obra Freire fala dos círculos de cultura em que foi convidado a contribuir na organização, frente à alfabetização em comunidades, 90% delas, camponesas. Junto à alfabetização estava o processo de reconstrução do país e de

descolonização, que implicava em refazimento da história nos livros didáticos. Freire afirma que partiu da experiência no Chile, que o levava a formar líderes camponeses para o trabalho nos círculos de cultura, para que jovens urbanos não viessem a cometer “assassinato de classe”.

Relatava ainda a experiência com os camponeses do Caribe, que se organizavam em cooperativas de produção, mencionando que é pensando a prática que se aprende a pensar certo. Por fim, defende a ideia de gravar discursos dos camponeses, para seguir aprendendo. Outro ponto destacado é falar a linguagem do povo para se fazer entender e ganhar a confiança em processo de alfabetização de adultos e pós-alfabetização. Em Guiné o processo de alfabetização significava fazer a re-leitura e re-escritura de seu mundo para depois escrever a palavra, que seria reafricanizada (retirando a invasão colonialista).

Em *Extensão ou comunicação* (EC) a educação rural é mencionada apenas nas palavras-chave, não havendo referência a agricultores. Camponês(a), camponeses, aparece cento e dezenove vezes na obra. Talvez essa seja a obra em que Freire mais se dedica aos camponeses e camponesas, após seus aprendizados a partir deles. Dessa obra podemos destacar como ideia central a não invasão cultural por parte de técnicos sobre os saberes e crenças dos camponeses e, frente a isso defende a ideia do agrônomo-educador e não extensionista, que se considera o sujeito, ao passo que, os camponeses seriam os objetos – a serem modernizados. A obra menciona práticas invasivas do mundo moderno sobre os camponeses e suas reações de resistência, inclusive o silêncio.

Em *Pedagogia do da autonomia* (PA) Freire se refere quatro vezes aos camponeses, não sendo mencionado descritores aproximados de nossa pesquisa. Os camponeses são trazidos na obra nas seguintes ocasiões: quando fala que são assassinados na luta por seus direitos; quando menciona a necessidade de não discriminação e preconceito para com os diferentes sujeitos; curiosidade dos camponeses que conheceu, fatalistas ou rebeldes.

3. DA ANÁLISE DO TIPO DE PRESENÇA DE CAMPONESES(AS) NAS OBRAS DE PAULO FREIRE

Neste Bloco B apresentamos a terceira etapa da pesquisa, compreendendo nossa análise: o tipo de presença de camponeses(as) nas obras de Paulo Freire. De acordo com as escolhas dos descritores informamos que não foram localizadas as combinações: educação no campo e Educação Rural na revisão de literatura. Entretanto, são inúmeras as passagens que tratam do trabalho educativo realizado com a população rural. Nesse caso, identificaremos estas passagens como Descritor Presente Aproximado (DPA). Podemos destacar que o conceito de educação em Paulo Freire é amplo, não associando apenas ao espaço da escola (FREIRE, 1967, 2020) e, nesse caso são recorrentes os termos círculo de

cultura e educação popular. Já, com relação aos descritores simples (Camponês e Agricultores) eles são referenciados como sinônimos.

Para a sistematização dos temas identificados através dos descritores selecionados, realizamos a organização dos temas centrais localizados nos livros de Paulo Freire (Quadro 2). Posteriormente, baseadas pelo quadro 2, apresentando as principais ideias presentes nos temas centrais, relacionadas à presença dos camponeses e das camponesas nas obras de Paulo Freire, evidenciando o contexto ao qual Freire se referia ao mencionar estes sujeitos.

Quadro2 – Temáticas presentes nos livros selecionados de Paulo Freire

LIVROS DE PAULO FREIRE	TEMAS CENTRAIS
EAB	Escola democrática para todos.
EPL	Exclusão da população rural/camponesa ao acesso da educação.
ACL	Situações concretas de opressão e alfabetização conscientizadora / educação libertadora.
PO	Opressor-oprimido e consciência de classe/ caráter de classe, trabalho e exploração, trabalho e educação.
CTPL	Método pedagógico conscientizador e Círculo de Cultura.
EC	Invasão cultural, saberes, experiências, sujeito e objeto.
EM	Compromisso com a reforma agrária. Esperança. Saber-ignorância.
CGB	Alfabetização e descolonização do saber, da cultura e da sociedade.
IAL	A leitura de mundo precede à da palavra; palavramundo. Leitura e contexto.
AEC	Experiência com turmas de alfabetização no Chile em áreas da Reforma Agrária e relações com o mundo do trabalho.
PERPO	Alfabetização crítica pelo mundo. Direito de dizer a palavra. Exploração do trabalho. Teoria-prática e confiança no(a) educador(a).
PE	Necessidade de saber mais; curiosidade; relação entre os conceitos de sexo, raça, classe.
PSTN	Camponeses em alfabetização (no Chile): educação e trabalho. Diferentes experiências educativas.
CC	Cultura popular, movimentos populares e a luta por democracia.
ASDM	Compreensão fatalista do mundo.
PA	Educar é um ato de amor; todos aprendem; Luta pelos direitos e a realidade preconceituosa e discriminatória no Brasil.

Fonte: Dados da Pesquisa.

No quadro 2 apresentamos os principais temas relacionando aos descritores utilizados para nossa pesquisa. A partir dele organizamos a sistematização de categorias que emergiram do processo analítico, a saber: Invasão cultural. Trabalho explorado, Trabalho-educação, Escola democrática, Educação conscientizadora e Opressor X oprimido.

Cada categoria é representada por sistematizações que permitem a compreensão da presença dos camponeses e das camponesas nas obras de Paulo Freire. Na sequência, passaremos a apresentar cada uma das categorias, sistematizadas e apresentada a partir de nossa análise, a luz da pedagogia crítica: a) Alfabetização; b) Trabalho explorado dos camponeses; c) Trabalho-educação; d) Escola democrática; e) Educação conscientizadora; f) Opressor X oprimido.

As obras analisadas e, podemos dizer praticamente todas as escritas de Freire, giram em torno da Alfabetização e, não qualquer! É de alfabetização crítica na relação com a sociedade: aquela em que se parte da leitura de mundo para ver o que o sujeito entende/compreende do universo que o cerca (aplicado a crianças e a adultos). A partir disso, adota como método a averiguação do universo vocabular e faz emergir temas geradores. Com os temas, decodifica as palavras e ensina a ler o mundo. Alfabetizando e perguntando, por que as coisas são como se apresentam? Quem as fez para que fossem dessa maneira? E, aí está o caráter político do ato alfabetizador, que faz dizer e escrever a palavra e superar a visão fatalista de mundo. Alfabetizar, para Freire, passava grandemente por Círculos de Cultura em processos de educação popular dentro e fora da escola.

A seguinte categoria que tomamos para análise é Trabalho explorado dos camponeses. Freire ao se dedicar grande parte do tempo à alfabetização de adultos, e, ao se referir, quase em todas as obras ao processo de alfabetização no Chile, devido aos elevados índices de analfabetismo no Brasil assim como em todos os países de terceiro mundo, vai mencionar os trabalhadores/as. Nesse caso, ao encontrar adultos analfabetos, vai enxergar um/a trabalhador explorado, negado do acesso à escolarização e a quase todos os demais direitos. No caso dos camponeses, vai encontrá-los em uma situação de pouco falar, ou, porque chegam a pensar que não sabem; não podem dizer a sua palavra, ou, por desconfiança, preferiam calar para não se mostrarem a quem não era considerado um dos seus – devido a invasão cultural, que conheciam, e suas consequências.

Em sentido parecido, trazemos a categoria Trabalho-educação, ou seja: nas obras analisadas aparece que o fazer pedagógico não é descolado do mundo do trabalho, tanto no caso de educandos(as) como dos educadores. Aos educadores é chamada a atenção, pois, são trabalhadores e devido aos seus fazeres político-pedagógicos, defendem uma ou outra classe social, colocam-se ao lado dos opressores ou dos oprimidos. Como Freire falava de forma recorrente sobre o trabalho pedagógico com os camponeses do Nordeste brasileiro, com chilenos e africanos de modo especial, enfatizava o quanto eram oprimidos pelo poder do latifúndio e, então dava destaque à necessidade de reforma agrária e citava

as Ligas Camponesas; os diálogos que buscava ter com eles; o contato com as lideranças dos camponeses.

Concernente à escola democrática, verificamos o tema da democracia está presente em todas as obras de Paulo Freire, em algumas com maior ênfase no tema da sociedade, noutras, ao se referir à educação e à gestão democrática. Todas as utilizações da expressão “democracia” relacionam-se à “transformação radical da máquina burocrática” (FREIRE, 1991, p. 34), seja referente à sociedade ou à escola. Alusivo à escola, o educador coloca a necessidade de “nos engajarmos na luta por uma escola competente, democrática, séria e alegre” (FREIRE, 1991, p. 35). Nessa obra, o educador afirma a importância das relações entre a sociedade, as comunidades, os movimentos sociais e a escola, na construção de uma escolar pública e popular:

Numa perspectiva realmente progressista, democrática e não-autoritária, não se muda a ‘cara’ da escola por portaria. Não se decreta que, de hoje em diante, a escola será competente, séria e alegre. Não se democratiza a escola autoritariamente. A Administração precisa testemunhar ao corpo docente que o respeita que não teme revelar seus limites a ele, corpo docente. A Administração precisa deixar claro que pode errar. Só não pode é mentir. (FREIRE, 1991, p. 25).

A luta pela Escola democrática em Paulo Freire é anterior às suas experiências como Secretário de Educação do Município de São Paulo, e isso pode ser conferido em dois de seus livros *Política e educação* e *Educação na cidade* – os quais reúnem algumas entrevistas de quando foi Secretário da Educação. Freire (2003) explicita a ligação entre democracia e participação e que a nossa democracia em aprendizagem precisava superar a visão mecanicista e autoritária da nossa história, constituída por uma pedagogia antidialógica. A presença da expressão participação em Paulo Freire é princípio da democracia e da escola democrática. No entanto, a democracia popular, também se apresenta no livro mais conhecido, *Pedagogia do Oprimido*, quando declara que a prática educativa requer uma educação radicalmente democrática, resistindo às ideologias dominantes (FREIRE, 1987). Isto é, a Escola democrática caminha junto com o “processo radical de transformação do mundo.” (FREIRE, 1996, p. 88). A escola democrática, nas obras analisadas, está associada à dimensão política da educação e ao processo de conscientização.

Do mesmo modo, Educação conscientizadora entra no mesmo viés dos demais conceitos. Fazer educação/alfabetização significava um processo conscientizador: a leitura de mundo; a percepção do lugar em que se está, para poder escrever e, a compreensão da negação da escrita anteriormente, desmitificando Deus, como quem queria ou aceitava tal situação. Freire chegava a afirmar que o método de alfabetização era para a libertação dos camponeses.

Ao ler o mundo com os camponeses, ele denunciava a miséria, a exploração e a violência a que eram submetidos. Mas, falava também da boniteza de quando os mesmos camponeses, cansados do trabalho, não queriam parar de discutir ao fazerem a descoberta da importância de dizerem a sua palavra, e que também eram sabedores de muita coisa.

A relação Opressor-oprimido é a chave, de maneira dialética, que consegue explicar muita coisa no processo de alfabetização e do contexto em que ela ocorre. Freire elucida tanto o caráter opressor do despejamento conteudista vazio de sentido na educação bancária, quanto o revestimento do oprimido em opressor, quando este não passa por um processo de conscientização. O processo de conscientização é para se dar conta, que não basta alterar o lugar que ocupa num determinado momento, pois, enquanto existir opressão, ela vai garantir privilégios das classes abastadas, sendo os pobres, apenas colocados a fazer as vontades destas, em detrimento e sofrimento de tantos outros de sua mesma classe.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que dizer da rudeza/boniteza; ternura e beleza das obras, aqui analisadas, de Paulo Freire? Primeiramente, cabe lembrar que o Grande mestre e todas as suas obras merecem respeito, no Brasil e no mundo. Logicamente o tom dado a cada uma delas, no vai-e-vem dialético de seu modo de pensar e acrescentar, de forma espiral, mais uma instigação causa mal-estar, ou fúria, na elite perversa. Como saiu de seu próprio punho: “inauguram a violência, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros, não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como outro” (1987, p. 42).

O amor ao mundo e aos seres humanos é profundamente destacado como elemento fundamental em *Pedagogia do oprimido*, não por acaso, a obra considerada mais importante de todas. Nessa mesma obra, o diálogo verdadeiro, contrariando o “blábláblá” traz exigências imperativas ao fazer educativo – educação transformadora: “o mundo pronunciado, por sua vez, volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles, novo pronunciar” (1987, p. 78). Essa mesma exigência é complementada em *Pedagogia da autonomia*, quando Freire alerta: “ensinar exige reflexão sobre a prática (1996, p. 42).

Ao olharmos para as obras de Freire e o que ele descreve e argumenta sobre os camponeses e camponesas, podemos afirmar que esses sujeitos foram importantíssimos para o desenvolvimento de um método de alfabetização que pressupunha Ler o Mundo antes das palavras. Além disso, fica explícito que para isso acontecer, era preciso auscultar, ler aquelas gentes sofridas, que a princípio não enxergavam possibilidade de mudança de suas realidades e, que aprendendo a lerem o mundo criticamente, num estalo se rebelavam contra a opressão.

Ao estar com camponeses, as palavras geradoras, de vida e de escrita, se colocavam para Freire de modo gritante: terra, comida, água, casa, escola,

latifúndio, patrão, assassinato e, diante disso a alfabetização se fazia letramento, descrita por Freire, como aquela leitura que tem sentido para a comunidade e que a leva a fazer novas exigências de direitos. Aquela alfabetização que, ao aprendem ler *palavramundo*, conseguia entender que foram negados, submetidos, violentados e, que seus filhos, não têm algo melhor para comer, não porque suas famílias trabalham pouco, ao contrário, porque o patrão fica com o lucro do seu suor.

Paulo Freire é ou não, atual? Explica-se, ou não, porque a elite predatória, mesquinha, antidemocrática, antinacional, que democratizou a sem-vergonhice, utilizando o nome de Deus, ancorada em discursos preconceituosos saídos de bocas de pastores bilionários, odeiam Paulo Freire? O que sabem mesmo é odiar e, Paulo Freire daria como resposta: o amor ao mundo! O amor às pessoas! Seguimos na resistência e em processos de educação e consciência crítica porque Freire, em tempos tão ou mais sombrios que este (2021) jamais perdeu a esperança, jamais desistiu dos camponeses e camponesas, que são aqueles que produzem comida saudável e preservam as espécies de sementes... sementes que nascem há milhares de anos. Isso pode ser perigoso, não!?

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica. *Por uma educação do campo*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *Cartas à Guiné-Bissau*: registros de uma experiência em processo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Trad. de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. *Extensão ou comunicação?* tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 32 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a.

_____. *Professora sim, tia não!* Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água: 1987b.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. *Educação e mudança*. 12. ed. Tradução de Moacir Gadotti e Lírian Lopes Martin. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

_____. *Notas: Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

_____. *Política e educação: ensaios*. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Educação & atualidade brasileira*. São Paulo, Editora Cortez, 2003.

_____. *A educação na cidade*. Prefácio de Moacir Gadotti e Carlos Alberto Torres; notas de Vicente Chel. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 14. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. *À sombra desta mangueira*. 11.ed. Notas: Ana Maria de Araújo Freire Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. Organização de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

PAULO FREIRE AND THE PRESENCE OF PEASANT IN HIS BOOKS: A BIBLIOGRAPHIC ANALYSIS

ABSTRACT: This article aims to analyze the presence of peasants in the books of Paulo Freire throughout his career. We are interested in highlighting whether there is such a presence and the context to which Freire refers when treating or mentioning these subjects. The methodology adopted is literature review in books by Paulo Freire, written individually, and thus sixteen books were selected, read in full. The writing is justified by the fact that there is no bibliographic study on this theme available. We highlight as relevant points of the research: Paulo Freire refers to peasants in practically all his works, with emphasis on the literacy process of Chilean peasants, whom he mentioned several times, in several works; the relationship of place / social class / work is central to the process of literacy and reading the world; and, overcoming hopelessness to replace the struggle that transforms the oppressive and anti-democratic reality.

KEYWORDS: Paulo Freire. Peasants. Bibliographic analysis.

PAULO FREIRE Y LA PRESENCIA DE LOS CAMPESINOS E CAMPESINAS EN SUS OBRAS: UN ANÁLISIS BIBLIOGRÁFICO

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo analizar la presencia de los campesinos en la obra de Paulo Freire a lo largo de su carrera. Nos interesa destacar si existe tal presencia y el contexto al que Freire se refiere al tratar o mencionar estos temas. La metodología adoptada es la revisión de la literatura en libros de Paulo Freire, escritos individualmente, por lo que se seleccionaron dieciséis obras leídas en su totalidad. La redacción se justifica por el hecho de que no se dispone de un estudio bibliográfico sobre este tema. Destacamos como puntos relevantes de la investigación: Paulo Freire se refiere a los campesinos en prácticamente todas sus obras, con énfasis en el proceso de alfabetización de los campesinos chilenos, a quienes mencionó varias veces, en varias obras; la relación de lugar/clase social/trabajo es fundamental para el proceso de alfabetización y lectura del mundo; y, superar la desesperanza para reemplazar la lucha que transforma la realidad opresiva y antidemocrática.

PALABRAS CLAVE: Paulo Freire. Campesinos. Análisis bibliográfico.